



UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CAMILLA RIBEIRO LEAL

Do café ao meio técnico-científico-informacional: o consumo da paisagem de
Muqui - ES

Campos dos Goytacazes, 2017.

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CAMILLA RIBEIRO LEAL

DO CAFÉ AO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL: O CONSUMO DA
PAISAGEM DE MUQUI - ES

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Federal
Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do
grau Bacharel em
Geografia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Silvana Cristina da Silva.

Campos dos Goytacazes, 2017

CAMILLA RIBEIRO LEAL

DO CAFÉ AO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL: O CONSUMO DA
PAISAGEM DE MUQUI - ES

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Federal
Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do
grau Bacharel em
Geografia.

Aprovada em 14 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Silvana Cristina da Silva (orientadora)
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Werner da Silva
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof.^a. Dr.^a Raquel Callegario Zacchi
IFF – Instituto Federal Fluminense

Ficha catalográfica automática - SDC/BUGG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L433c Leal, Camilla Ribeiro
Do café ao meio técnico-científico-informacional : o
consumo da paisagem de Muqui - ES / Camilla Ribeiro Leal ;
Silvana Cristina da Silva, orientadora. Campos dos Goytacazes,
2017.
62 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da
Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes,
2017.

1. Crescimento urbano. 2. Turismo cultural. 3.
Desenvolvimento econômico. 4. Muqui (ES). 5. Produção
intelectual. I. Silva, Silvana Cristina da, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências da
Sociedade e Desenvolvimento Regional. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Sandra Lopes Coelho - CRB7/3389

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Silvana Silva, por todo o apoio durante a pesquisa, e pelos momentos de sabedoria compartilhados com os colegas do grupo de estudo TeCidades, que juntos dividimos diversos momentos de aprendizado importantes para a construção desta e de outras pesquisas.

Aos colegas do TeCidades, por todos os momentos de discussões, debates, reuniões e brincadeiras, sobretudo por nunca haver competição entre o grupo e sim, cooperação. Aos que de início me receberam tão bem, Diogo, Nágila e Luiz Otávio, obrigada.

Aos professores que compuseram a minha banca de defesa, Professor Dr. Marcelo Werner e Professora Dr^a. Raquel Callegario Zacchi, que juntos à Professora Silvana leram este trabalho de forma atenta e cuidadosa e contribuíram imensamente para questões posteriores desta pesquisa, obrigada.

Aos amigos que juntos, ao longo destes últimos quatro anos, foram essenciais na minha caminhada durante a graduação, por isso agradeço à Paula, Igor, Laura, Karlany, Tiago e Tayná. Igualmente agradeço aos meus queridos amigos de Muqui, nossa Cidade Menina, que sempre deixam um pouco do nosso lugar por onde quer que passem, por isso, agradeço à Amanda, Julia, Gisele, Leonarda, Thamires, Julio, Karol, Mari, e Paloma, por todo apoio, carinho e incentivo desde sempre.

Às pessoas, que durante os eventos forneceram além dos dados essenciais para a execução desta pesquisa, o seu tempo e compreensão. Ao todo foram mais de 100 pessoas entrevistadas para este trabalho, agradeço imensamente cada um.

E, por fim, à minha mãe, por todo suporte até aqui, sem ela eu não conseguiria.

Guardar

Antonio Cicero

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que
guarda: Guarde o que quer que guarda um
poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou a compreender a inserção de Muqui (ES), uma *cidade pequena*, na dinâmica da rede urbana frente as transformações do *meio técnico-científico informacional*. A história da formação territorial de Muqui teve forte importância devido a economia cafeeira. Desse período a cidade herdou uma paisagem urbana que vem sendo ressignificada. Nesse sentido, houve um processo de patrimonialização do Centro Histórico de Muqui, que se caracteriza como o maior sítio histórico do estado do Espírito Santo, inserindo-o recentemente em circuitos turísticos e culturais produzidos a partir dos discursos da paisagem. Deste modo, procurou-se entender como se deu o processo de dinamização dos fluxos na rede urbana em que Muqui está inserida, especificamente no que tange os eventos culturais. Para tanto, recorreu-se a análise do espaço urbano de Muqui, contextualizando o com a rede urbana na qual a cidade está inserida, por meio de bibliografias, dados estatísticos e materiais cartográficos. Além disso, produziu-se dados primários a partir de pesquisa de campo, questionários e entrevistas. Como resultado, pôde-se constatar uma dinamização sazonal dos fluxos da rede urbana desta cidade pequena, que foi mobilizada em razão dos circuitos turísticos e culturais que a permeiam. Estes estão associados em um primeiro momento às características apresentadas pelo Sítio Histórico, que a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 em função de intervenções da própria comunidade local e do poder público, passa a ser (re)significado e (re)funcionalizado para outras atividades. No decorrer dos últimos anos, os eventos sediados na cidade fizeram com que as atividades terciárias sofressem uma expansão qualitativa e quantitativa, tornando o lugar cada vez mais atrativo para o capital comercial (comércio, hotéis, etc.) e das artes. Estes últimos, recentemente, vêm se manifestando de forma marcante, no espaço urbano, evidenciando desdobramentos do processo em tela.

Palavras-chave: Rede urbana; Cidades Pequenas; Paisagem; Espaço Urbano; Muqui-ES.

ABSTRACT

This research aimed to understand the insertion of Muqui (ES), a small town, in the dynamics of the urban network in face of the transformations of the technical and scientific informational environment. The history of Muqui's territorial formation was strongly influenced by the coffee economy. From that period, the city inherited an urban landscape that has been redefined. In this context, there was a process of patrimonialization of the Historic Center of Muqui, which is characterized as the largest historical site in the state of Espírito Santo, recently inserting it in tourist and cultural circuits originated by landscape discourses's. This research investigated how the dynamic of the urban network's flows in which Muqui is inserted, specifically regarding cultural events. For this, Muqui's urban space was analyzed, putting it into context with the urban network in which the city is inserted, through bibliographies, statistical data and cartographic materials. In addition, primary data were collected from field research, questionnaires, and interviews. As a result, it was possible to observe a seasonal dynamization of the urban network flows of this small town, which was stimulated due to the tourist and cultural circuits that permeate it. These circuits were associated, at the beginning, with the characteristics presented by the Historic Site, which, from the late 1990s and early 2000s, becomes (re)defined and (re)functionalized for other activities, as a result of interventions made by the local community and public authorities. Over the last few years, town-based events have expanded, both qualitative and quantitative, the tertiary activities, making the place increasingly attractive to commercial (commerce, hotels, etc.) and arts capital. The latter, recently, has been manifesting itself in the urban space in a remarkable way, showing evidences of the outspreading of the canvases process.

Keywords: Urban networks; Small Town; Landscape; Urban Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Muqui.....	18
Figura 2 - Delimitação do Sítio Histórico de Muqui.....	21
Figura 3 - Antiga Estação Ferroviária passando pelo processo de refuncionalização durante o 6º FECIN.....	26
Figura 4 - Casa participante do programa “Cama e Café”.....	27
Figura 5 - Regiões de Influência das Cidades, IBGE, 2007.....	33
Figura 6 - Estudantes do curso de jornalismo durante o desfile das folias.....	38
Figura 7 - Mercadorias do circuito inferior em segundo plano durante o 67º ENFR.....	42
Figura 8 - Cidades Selecionadas para o 6º FECIN – 2017.....	50
Figura 9 - Anúncio de casa histórica no <i>Airbnb</i>.....	51
Figura 10 - Fluxo Turístico durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis.....	54
Figura 11 - Fluxo Turístico durante o 6º Festival de Cinema do Interior.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Formas de hospedagem utilizadas pelos entrevistados durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis - 2017	37
Gráfico 2- Formas de hospedagem utilizadas durante o 6º Festival de Cinema do Interior – 2017	40
Gráfico 3 - Perfil do Público Freqüentador do 67º Encontro Nacional de Folia de Reis, segundo grupos por idade - 2017	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Eventos Culturais Sazonais Sediados em Muqui ao longo de um ano.....	35
Tabela 2 - Média de gastos dos entrevistados durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis – 2017.....	44
Tabela 3 - Perfil dos frequentadores entrevistados no 6º Festival de Cinema do Interior – 2017	46
Tabela 4 - Média gerada durante o 6º Festival de Cinema do Interior - 2017.....	47

LISTA DE SIGLAS

- BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- CEC** – Conselho Estadual de Cultura
- ENFR** – Encontro Nacional de Folia de Reis
- FECIN** – Festival de Cinema do Interior
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- RMV** – Região Metropolitana de Vitória
- SECULT** – Secretaria de Estado da Cultura
- SEDETUR** – Secretaria de Estado do Turismo
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A formação territorial de Muqui	16
1.1 O processo de tombamento do Sítio Histórico de Muqui.....	19
1.2 A ressignificação e refuncionalização dos fixos no espaço.....	22
2. Muqui na rede urbana: da economia cafeeira aos circuitos turísticos e culturais de consumo da paisagem no meio técnico-científico-informacional	29
2.1. O papel de Muqui na rede urbana regional no Espírito Santo: a economia do café.....	30
2.2 Muqui e os eventos turísticos e culturais: o consumo da paisagem no meio técnico-científico-informacional	34
2.3. As novas interações de Muqui na rede urbana: “as centralidades sazonais”	48
Conclusões	58
Referências Bibliográficas	60

INTRODUÇÃO

O espaço urbano, ou espaço intraurbano é um dos principais objetos de estudo da Geografia. Este espaço é marcado por um padrão de heterogeneidade, de forma que se contesta, por sua vez, a partir dos símbolos, fluxos e a própria paisagem encontrada ali, evidenciando materialmente o conteúdo que a compõe sob os diversos aspectos da realidade urbana. Enfim, o espaço urbano encontra-se em constante produção e organização, resultado e condicionante das relações sociais, que mudam no tempo e no espaço, conforme aponta Corrêa (1989).

A cidade de Muqui, fundada em 22 de outubro de 1912, com uma população de 15.806 habitantes (IBGE, 2016), encontra-se na região geográfica Sul do estado do Espírito Santo. A formação desta cidade, assim como outras do Espírito Santo, originou-se a partir do apogeu da economia cafeeira durante o século XIX, recorrente da ocupação da área rural pelos colonizadores do Vale do Paraíba que se fixaram no local a partir de 1853.

A formação urbana de Muqui data seu desenvolvimento a partir de 1853, quando os colonizadores fundam uma pequena povoação, denominada de Arraial Dos Lagartos. O desenvolvimento do povoado começa a expandir-se por volta de 1902, com a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina, responsável pela distribuição do café ali produzido, onde inicia um processo de desenvolvimento, que resulta na malha urbana hoje existente (IBGE, 2016).

Neste sentido, alguns questionamentos tornam-se necessários frente à Geografia Urbana, o que faz, por exemplo, em que determinada área da cidade haja uma concentração de casarões históricos de séculos passados? Ou, por que, os casarões de um determinado período sejam atrativos para o olhar turístico e econômico de uma cidade na atualidade? Como essa paisagem contribui para a mobilização de fluxos sazonais de uma rede urbana consolidada em tempos passados?

Do período áureo da economia cafeeira, a cidade de Muqui herda uma paisagem urbana típica dessa época. A cidade hoje vem chamando atenção pelos vários eventos que vêm ocorrendo ligados às atividades turísticas e culturais impulsionando atividades terciárias, basicamente, o comércio local e a rede hoteleira. Em detrimento das características e da intensidade destes eventos, pode-se afirmar, em um contexto regional, que o Sítio Histórico de Muqui se constitui atualmente, como um dos maiores propulsores da economia advinda do turismo e cultura do estado do Espírito Santo.

Desde 1950 acontece em Muqui o Encontro Nacional de Folia de Reis e, desde 1970 ocorre o Carnaval Folclórico do Boi Pintadinho. Essas atividades culturais vêm se intensificando nos últimos seis anos. Um indicador dessa tendência, de certa maneira, pode ser

considerado a partir da realização anual de eventos ligados à cultura e entretenimento desde 2012, como o Festival de Cinema do Interior com início em 2012, o Festival de Integração Jovem desde 2013 e o Festival de Cerveja Artesanal, que ocorre há três anos. Ao longo dos últimos seis anos, observa-se a intensa realização dos eventos culturais e também da predominância dos estabelecimentos relacionados às atividades terciárias. De modo específico, o que se destaca é o processo de transformação da paisagem urbana, utilizada para a realização dos eventos. Enfim, a maneira como se deu a dinamização dos espaços que se adequaram a este novo momento, sobretudo em uma cidade pequena, ou seja, a paisagem criada como respostas a determinadas necessidades e funções do presente, conforme aponta Santos (1985).

Diante a realização sazonal destes eventos, apresentamos como proposta de pesquisa o recorte de dois destes cinco eventos no ano de 2017: o Festival de Cinema do Interior e o Encontro Nacional de Folia de Reis. Buscou-se compreender os desdobramentos na cidade a partir da promoção dos eventos sediados por ela e as novas lógicas implementadas nesta cidade pequena a partir dos circuitos culturais e turísticos. Inicialmente, fora proposto o recorte de três, dos cinco eventos, contudo, o Carnaval Folclórico do Boi Pintadinho em 2017 não foi realizado devido à greve dos Policiais Militares no estado do Espírito Santo que perdurou por 21 dias, em fevereiro do mesmo ano.

Partimos do método de que a paisagem se conceitua por tudo aquilo que nós vemos. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições (SANTOS, 1998), portanto, trata-se de um conceito dinâmico, com diversas escalas de tempo e níveis de observação.

Em cada período histórico, sobretudo durante a economia cafeeira, a paisagem de Muqui sofreu modificações devido ao conteúdo produtivo incorporada à cidade, resultando hoje numa outra ação a partir da lógica econômica correlacionada aos eventos turísticos e culturais, produzindo fluxos sazonais na qual se dá a articulação de uma rede de comunicações, estabelecendo fluxos na rede urbana efêmeros, ou seja, “via rede urbana e a crescente rede de comunicações a ela vinculada, distantes regiões puderam ser articuladas, estabelecendo uma economia” (CORRÊA, 1989, p.5), constituindo uma difusão, circulação e consumo nesta cidade pequena durante os eventos estudados.

Tânia Fresca (2010), propõe algumas variáveis que nos ajuda a classificar uma cidade pequena, como, por exemplo, o pequeno número de habitantes e a sua pequena área ocupada pela cidade, entretanto, estas condicionantes não levam em conta as especificidades de cada cidade pequena, portanto, para Fresca (2010), a ideia de que a cidade possa ser caracterizada como “pequena” é a sua inserção em uma rede urbana e/ou região que dará elementos e

melhores condições para entendê-las como tal, assim, identificamos que a reestruturação produtiva trouxe para as cidades pequenas outras demandas que possibilitaram o desempenho de novas centralidades, mesmo de que formas sazonais, no contexto da rede, sobretudo nas complexidades que as intensas modificações trazem à rede urbana.

Quanto à metodologia, partimos da coleta e a análise de dados para essa pesquisa, que ocorreu da seguinte forma: trabalho de campo para conhecimento do Sítio Histórico, com uso de registro fotográfico; a realização de entrevistas com roteiros para os agentes que contribuem para os eventos e atividades estudados; aplicação de questionários (fechados) para os frequentadores dos eventos estudados e, coleta de informações (reportagens de jornais e dados estatísticos). Foram elaborados gráficos, tabelas e mapas para as análises.

A monografia está organizada em dois capítulos. O *primeiro capítulo* procura compreender a formação territorial de Muqui devido à economia cafeeira e os consequentes meios de tombamento do sítio histórico, assim como os processos de ressignificação e refuncionalização deste.

No *segundo capítulo* buscou-se compreender, em um primeiro momento, a partir do uso e consumo da paisagem no espaço intraurbano de Muqui, o panorama da produção dos eventos turísticos e culturais e seus reflexos na arquitetura encontrada no sítio histórico. Num segundo momento, compreenderemos o papel de Muqui na rede urbana regional do Espírito Santo, que apesar de consolidada, em alguns momentos Muqui exerce centralidades sazonais a partir dos eventos culturais, atraindo fluxos de pessoas distintos dos fluxos da rede urbana consolidada.

Por fim, nas *conclusões*, procurou-se a partir dos resultados das investigações, mostrar como o uso da paisagem urbana encontrada no espaço urbano de Muqui é responsável hoje pela promoção de eventos culturais que ocorre na cidade. Desta forma, as alterações trazidas nos últimos anos são essenciais para tecer as discussões acerca do papel das cidades pequenas na rede urbana no período técnico-científico-informacional e de como elas vêm buscando se inserir produzindo discursos do consumo da paisagem.

1. A formação territorial de Muqui

O processo de formação territorial de Muqui (Mapa 1) se constitui em uma extensão do processo de urbanização advinda da economia cafeeira de parte dos municípios do estado do Espírito Santo. A colonização se desenvolveu a partir de 1853, quando, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016)¹, os primeiros colonizadores começaram a ocupar o local, que inicialmente era ocupado por índios *Puris*, que permaneceram no município até 1858. O processo de colonização e urbanização local inicia-se no último quartel do século XIX, quando os primeiros fazendeiros vindos do Vale do Paraíba se fixaram na região.

Segundo Pessotti (2014), as ocupações da região Sul do estado eram efetivas, já que a região no entorno da Vila do Itapemirim já vinha sendo explorada e ocupada desde o século XVII, consolidando este processo ao longo dos séculos XVIII e XIX. Portanto, a economia cafeeira foi uma forma de consolidação da ocupação capitalista na região Sul num segundo momento desse processo de exploração econômica.

Com a colonização e exploração, o espaço urbano de Muqui se constituiu seguindo um processo econômico. O espaço urbano de Muqui, reflexo e condicionante desse processo, se estruturou em forma de uma mancha urbana, que corresponde hoje ao atual centro da cidade, destacando seu caráter heterogêneo devido a paisagem apresentada por este.

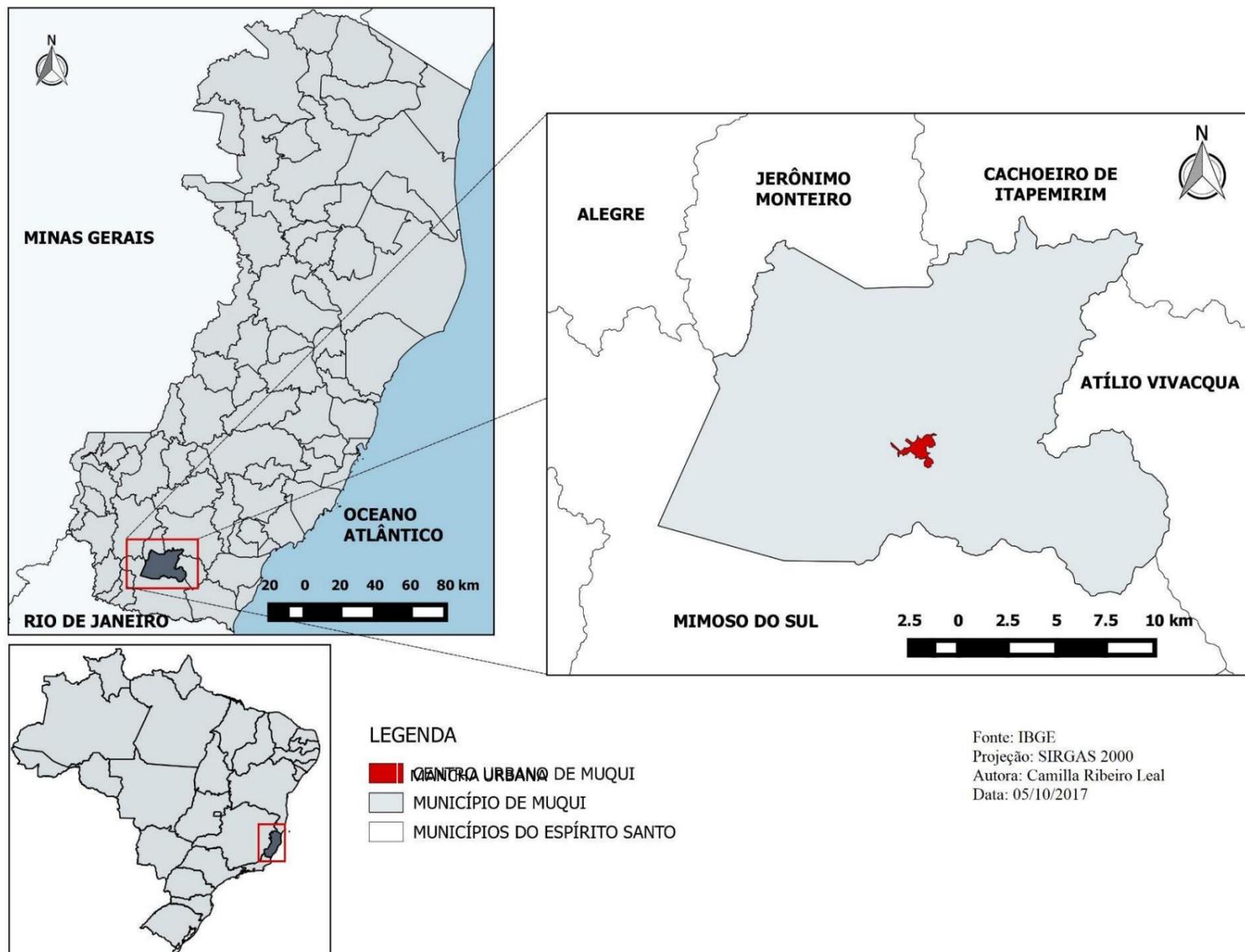
Segundo Corrêa (1989), o espaço urbano é composto de fragmentos. Entretanto, estes se encontram articulados por fluxos de diferentes condições, como, por exemplo, pessoas, informações, capitais, mercadorias, etc., essa articulação se dá a partir dos diferentes usos do solo, e determinada diferenciação do uso do solo é um reflexo e condicionante dos processos sociais.

O crescimento do pequeno lugar data a partir 1901, com a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina, responsável pela distribuição do café ali produzido. O então Arraial passa a chamar Estação de Muqui, sendo alterado para São João de Muqui. A construção da estrada de ferro e da estação ferroviária foi responsável por inserir Muqui na rede urbana regional, como um município produtor e escoador de café no sul do estado do Espírito Santo. Tal organização fez com que São João de Muqui se transformasse e, posteriormente se tornasse em

¹ IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Cidades**. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=320380/>> Acesso em: 09 de setembro. 2017.

um núcleo urbano, após seu desmembramento com Cachoeiro de Itapemirim, em 12 de outubro 1912.

Figura 1 - Localização de Muqui



Para Santos (1978), cada lugar e cada região apresenta uma realidade sócio espacial que resulta de uma combinação singular de variáveis que datam de idades diferentes, é o que o autor define como tempo espacial para cada lugar. Cada fragmento do espaço urbano está relacionado a um uso específico do solo. Ou seja, cada fragmento se constitui em uma forma espacial e a mesma se encontra associada a uma função realizada em uma atividade urbana (CORRÊA, 1989).

Portanto, nesse sentido, notou-se como o processo de urbanização iniciado a partir da economia cafeeira, instituído na segunda metade do século XIX, promoveu mudanças tanto quantitativas, quanto qualitativas. Com destaque, nesse contexto, para a formação da paisagem urbana local, no qual hoje é a maior responsável pela promoção dos processos que foram analisados a seguir.

1.1 O processo de tombamento do Sítio Histórico de Muqui

O atual Sítio Histórico de Muqui se constituiu a partir de primeiro debate no âmbito da demolição de um dos mais significativos imóveis no centro da cidade sob protestos da população local, de acordo com Hautequestt Filho (2011). Esse fato fez com que despertasse o interesse da comunidade pelo tombamento estadual do sítio histórico como forma de manutenção das suas características a partir de 1998².

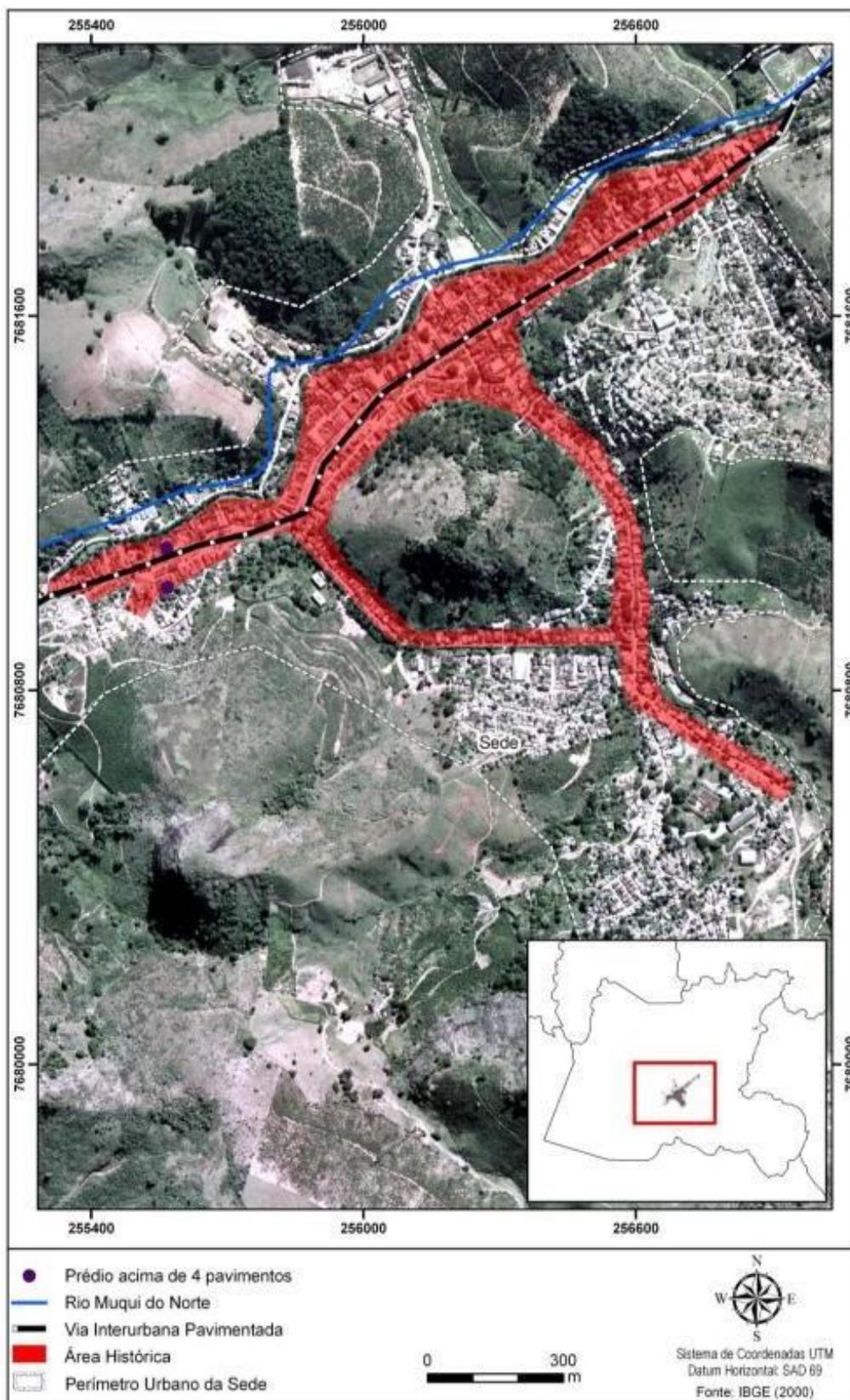
No entanto, em 1999 o processo ainda não havia sido concluído pelo CEC (Conselho Estadual de Cultura), órgão vinculado ao Governo do Espírito Santo, a partir desse período, a comunidade local em conjunto com a Prefeitura Municipal, tomaram para si a responsabilidade de preservação de seu patrimônio através do tombamento municipal e do estabelecimento de um modelo de gestão local (HAUTEQUESTT FILHO, 2011).

Com o objetivo de proteger e guardar legalmente o acervo material presente na cidade, foi promulgada no âmbito municipal a Lei nº 070/99, publicada em 06 de outubro do mesmo ano. A lei “Dispõe sobre o Tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de Muqui e dá outras providências”, e ressalta a necessidade de preservação de bens imóveis e paisagens, que deverão ser registrados em Livros de Tombo da prefeitura.

² Em maio de 1998 foi criada a Comissão Pró-tombamento que em dezembro de 1999, formada pelos moradores do município e pela Prefeitura Municipal de Muqui, se transformou no Conselho Municipal de Cultura, que efetuou o tombamento municipal do sítio histórico em 19 de agosto de 2000, e, a partir de então, passou a ser responsável pelo processo de gestão do sítio histórico. (HAUTEQUESTT FILHO, 2011)

De acordo com Pessotti (2014), a partir do relatório elaborado, o Inventário de Bens Móveis, em 1999, possuía a justificativa do tombamento municipal do casario de Muqui se justificar por duas vertentes conceituais, tanto a econômica, quanto a estilística (Figura 1)

Figura 2 - Delimitação do Sítio Histórico de Muqui



Fonte: NICOLAU, Ricardo. (2010), a partir do Inventário do Patrimônio Cultural, estudo para elaboração da Lei Municipal N°. 070/99 – Sítio Histórico de Muqui, 1999.

Até 2008 o Sítio Histórico de Muqui era de responsabilidade municipal, somente a partir deste período o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) inicia o processo de estudo do sítio histórico, que compreendeu a realização de uma pesquisa histórica que possuiu o intuito em subsidiar a definição de parâmetros de proteção legal para a cidade. No ano de 2009, dando continuidade ao trabalho do IPHAN, o Governo do Estado do Espírito Santo em conjunto com a SECULT-ES (Secretaria de Estado da Cultura) inicia o processo de tombamento do Sítio Histórico de Muqui (PESSOTTI, 2014).

Para tanto, o Governo do Estado do Espírito Santo realizou o tombamento do casario do Sítio Histórico de Muqui, considerando a relevância do conjunto arquitetônico do Ciclo do Café, no qual Muqui passa a ser legalmente um dos maiores exemplares arquitetônicos relevantes no ES para compreender a história do ciclo cafeeiro e a relação entre o rural e a produção urbana.

Somente a partir de 2009 começa a ser realizado o inventário de conhecimento de todos os imóveis urbanos que, para os órgãos responsáveis pelo tombamento, precisavam apresentar um valor histórico e estético produzido durante a economia cafeeira.

Contudo, após os trabalhos em campo realizado pelos órgãos responsáveis, foram selecionados imóveis para proteção através do instrumento do tombamento, e outros através do instrumento do inventário. Muqui passa a ter legalmente 173 imóveis tombados e 90 imóveis inventariados. Constituindo, desta forma, o maior conjunto urbano, ou seja, o maior sítio histórico protegido pelo Estado do Espírito Santo, com 263 imóveis identificados com valor histórico e estéticos.

1.2 A resignificação e refuncionalização dos fixos no espaço

Para Luchiari (2005), os significados e usos do espaço urbano convergem em duas matrizes, as temporais e as espaciais. Nas temporais, a história social dá sentido à produção e a apropriação do espaço urbano; enquanto, nas espaciais, as formas fixas na paisagem, muitas vezes refuncionalizadas, são testemunhas de uma geografia desigual.

Ainda, segundo a autora, os processos sociais no qual culminou grande parte da formação das cidades; ou os que de fato, simbolizam a forte dinâmica de uma economia – como o café na situação analisada – são heranças no espaço que carregam “a multiplicidade da história, com seus fluxos e refluxos, na produção do espaço” (LUCHIARI, 2005, p.1).

Destarte, os atuais centros históricos foram construídos por diversas influências que deram formas às cidades, transformando hoje em um fetiche do olhar turístico que transforma a história em objetos de consumos (LUCHIARI, 2005).

Partindo do pressuposto onde Cruz (2006), considera que a matéria prima do turismo é o espaço, é possível reconhecer que, desde já, há um diferencial entre a atividade econômica do turismo em relação as outras atividades econômicas, ou seja, os lugares são potencialmente turísticos já que a atratividade turística desses lugares é uma construção cultural e histórica.

Ao meio de um discurso ideológico, por ser o maior Sítio Histórico do estado do Espírito Santo, tal fato contribui para uma fetichização da paisagem apresentada pelo lugar, produzindo um local turístico que se apoia no imaginário criado pelas ferramentas dos meios de comunicação, sobretudo para e por estratégias de mercado.

Segundo Santos (1998) a paisagem está correlacionada ao processo de produção, ou seja, no meio em que ocorre a produção propriamente dita, encontra-se também os processos de circulação, distribuição e consumo.

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Por essa razão, a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção. (SANTOS, 1998, p.23).

A paisagem propriamente dita pode ser constituída como o domínio do visível. A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições, tratando-se, portanto, de um conceito dinâmico, com diversas escalas de tempo e níveis de observação (SANTOS, 1998)

Sendo assim, a partir da dinâmica econômica constituída durante o século XIX, a paisagem de Muqui sofreu modificações devido à forma produtiva que ali foi incorporado, assim, resultando hoje em uma outra dinâmica a partir da lógica econômica correlacionada ao turismo local e, segundo Luchiari (2005) tanto a paisagem, quanto o tempo são transformados em bens de consumo e produtos turísticos a partir da mercantilização da paisagem.

Para Silveira (2002), a produção de um lugar turístico se dá a partir de um discurso que contribui para a fetichização das paisagens presentes no território. Para a autora, as produções dos lugares turísticos se baseiam na criação ideológica moldada pela publicidade e por estratégias de mercado. A grande presença de profissionais da comunicação como jornalistas e fotógrafos em Muqui em alguns eventos, certamente corroboram com a produção de um discurso sobre esse lugar.

Segundo Luchiari (2005), houve uma tendência a partir do século XX, em tornar os bens culturais como objetos de consumo turísticos. Logo, transforma-se o patrimônio em mercadoria, no qual, estes modelos impulsionam para a acumulação flexível e para uma cultura urbana pós-moderna, que toma como símbolo a espetacularização do planejamento (HARVEY, 1987, p. 270, apud. LUCHIARI, 2005, p. 9).

Este processo, ainda segundo a autora, atribui às paisagens urbanas um novo sentido no campo de consumo cultural. Os processos de refuncionalização vêm servindo às ideologias de mercado. Nesse sentido, a análise dos processos de refuncionalização e ressignificação é de extrema importância para compreender a lógica mercadológica do uso da paisagem.

Como ressalta Corrêa (2016), o processo de ressignificação vai constituir-se a partir do momento em que as antigas formas na paisagem permanecem, entretanto, atribui-se um novo significado como uma herança, onde desempenha uma nova função no presente, e o processo de refuncionalização é constituído a partir da valorização no presente devido às novas funcionalidades atribuída as antigas formas presentes na paisagem.

Nesse sentido, para Cruz (2006), os processos de ressignificação dos patrimônios através do processo de refuncionalização se dá por meio de estratégias que visam objetivar e estender o sentido da sua valorização. Os processos de refuncionalização e ressignificação do Sítio Histórico de Muqui desdobram-se em diversos fixos na paisagem, no qual, a partir dos eventos culturais, as formas na paisagem foram tendo novas funcionalidades, entretanto, mantendo as suas antigas formas em decorrência dos eventos turísticos e culturais que ocorrem há mais de 60 anos como o Encontro Nacional de Folia de Reis e o Carnaval Folclórico do Boi Pintadinho, sendo intensificados nos últimos seis anos a partir da realização de mais eventos como, o Festival de Cinema do Interior, o Festival de Integração Jovem e o Festival de Cerveja Artesanal

(Quadro

1).

Quadro 1 – Eventos culturais e turísticos que contribuem para a intensificação das atividades terciárias.

Evento Cultural/Turístico	Período de Ocorrência
Encontro Nacional de Folia de Reis	67 anos
Carnaval Folclórico do Boi Pintadinho	47 anos
Festival de Cinema do Interior	6 anos
Festival de Integração Jovem	4 anos
Festival de Cerveja Artesanal	3 anos

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Estes eventos estão intimamente ligados aos processos de resignificação e refuncionalização, sobretudo os mais recentes. Para a presente pesquisa, optou-se por destacar dois elementos da paisagem: a antiga Estação Ferroviária, que se tornou um local para a realização do FECIN – Festival de Cinema do Interior, e uma casa de 1927, no qual hoje faz parte do programa “Cama e Café”.

O antigo espaço da Estação Ferroviária de Muqui é utilizado atualmente pelo FECIN, no qual um espaço da antiga Estação foi transformado em uma sala de exibição de filmes. O projeto é denominado de “Cinestação - Cine Clube de Muqui - ES”, onde ocorre a exibição de filmes periodicamente, e também, durante o período em que o FECIN é sediado no centro histórico da cidade (Figura 3).

Figura 3 - Antiga Estação Ferroviária passando pelo processo de refuncionalização durante o 6º FECIN



Fonte: Trabalho de Campo; Camilla Ribeiro Leal, 08/09/2017.

As concentrações das atividades do festival ocorrem na estação uma vez por ano durante um final de semana, por outro lado, a mesma estação serve diariamente como terminal rodoviário do município, tendo como linhas de ônibus para os municípios vizinhos e as capitais dos estados do Sudeste. Dessa forma, ambos os processos destacados neste capítulo ocorrem nesse mesmo lugar, de duas formas diferentes, possibilitando o uso total do local.

Para Léo Alves, produtor e idealizador do festival de cinema, o FECIN se adequou nos últimos anos, sobretudo o seu espaço de realização:

antes era no teatro, dentro dele, agora é na praça próxima e no entorno da antiga Estação, que é o local que recebia os filmes dos antigos cinemas da cidade, que chegavam de trem. A gente acredita que o festival possa ressignificar esta antiga estação, onde a gente hoje também mantém um cineclube com exibições de cinema para escolas. O festival também diminuiu o volume de filmes com o objetivo de formar público e aproximá-los do cinema com mais força. O cinema, apesar de ter sido uma experiência

vivenciada em Muqui até os anos 80, ainda é uma novidade quando traz, agora, filmes independentes de, praticamente, todo o país.³

As três primeiras edições do FECIN ocorreram em alguns pontos estratégicos da cidade, como: o Teatro Municipal, o Jardim Municipal e a própria Estação Ferroviária, porém, o público ficava disperso entre estes pontos e, com o intuito de aproximá-los, o festival mudou para um único ponto de forma que o público ficasse aglomerado em apenas um local para as atividades do festival de cinema.

Outro casarão tombado no centro da cidade, no qual faz parte do sítio histórico (Figura 4) foi analisado. Trata-se de um imóvel construído em 1927 e pertence atualmente a um professor de letras que o adquiriu em dezembro de 2014⁴.

Figura 4 - Casa participante do programa “Cama e Café”



Fonte: Humberto Capai, 2015.

³Dados obtidos em entrevista com Léo Alves, produtor e idealizador do Festival de Cinema do Interior, realizada em 10 de outubro de 2017.

⁴Dados obtidos em entrevista com Ériton Berçaco, proprietário do Hostel “Solar do Lagarto”, realizada em 11 de agosto de 2017.

Segundo o proprietário, o imóvel passou pelo processo de tombamento municipal e estadual como os demais imóveis da cidade e, ainda mantém as características originais, não fazendo nenhum tipo de intervenção no imóvel, porém, futuramente, pretende-se realizar uma reforma mantendo as características originais.

Enquanto fiscalização desta casa, quanto das demais, assim como as reformas realizadas, segundo o proprietário, a Prefeitura Municipal de Muqui é responsável pela fiscalização, mas apesar disso, alguns imóveis têm sofrido alterações significativas o que demonstra uma dificuldade de fiscalização dos órgãos responsáveis.

O processo de ressignificação do imóvel se deu a partir do momento em que o proprietário percebeu a necessidade de atender uma demanda de hóspedes pela primeira vez,

percebi necessidade de atender a uma demanda de hospedagem do FECIN. Depois, vi que, além de ganhar um dinheiro extra, minha atividade principal é lecionar Língua Portuguesa, poderia oportunizar o acesso ao patrimônio histórico para além das fachadas. As pessoas poderiam ter uma experiência de vivência dentro de uma casa tombada.

Neste contexto, o proprietário está adequando aos poucos o imóvel para receber os turistas e “garantir uma viagem no tempo”. Assim, o proprietário ressalta para os hóspedes a necessidade da preservação, sobretudo nas áreas de uso excessivo da casa em razão do número excessivo de turistas, como, avisar sobre alguns cuidados com a madeira do piso, por exemplo, e com uma das pinturas que está ao alcance das mãos, mas não pode ser tocada, para não sofrer danificações.

Portanto, notou-se que o processo de tombamento do Sítio Histórico de Muqui e os processos conseguintes de refuncionalização e ressignificação de alguns imóveis tombados foram responsáveis por introduzir algumas transformações locais e nos fluxos, iniciado nos últimos anos. O espaço urbano de Muqui estruturado a partir deste processo, ordena-se em diferentes formas conforme os eventos incorporados ali. Unido aos agentes promotores dos discursos da venda da paisagem urbana local, novas interações foram geradas dessa cidade pequena na rede urbana, que colocam uma centralidade efêmera em Muqui, ampliando suas interações para além da rede urbana hierárquica clássica.

2. Muqui na rede urbana: da economia cafeeira aos circuitos turísticos e culturais de consumo da paisagem urbana no meio técnico-científico-informacional

A diferenciação das cidades históricas, entre as outras cidades, é o fato delas abrigarem um conjunto de materialidades e um conjunto arquitetônico, pretérito no seu espaço, considerados como representantes de uma cultura que deve ser protegida e guardada.

Assim, conforme aponta Harvey (2005), vivencia-se em todo o mundo capitalista a partir da metade do século XX o empreendedorismo urbano: “os benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico” (HARVEY, 2005, p. 167). Embora a análise de Harvey seja direcionada a explicar principalmente as grandes cidades, o autor não desconsidera as cidades do interior que visam fomentarem a realização de eventos culturais como estratégia de combate à sua possível estagnação econômica, ou seja, “as atividades culturais e as artes podem ajudar a romper a espiral descendente da estagnação econômica nas cidades do interior e ajudar as pessoas.” (HARVEY, 2005, p. 176).

Segundo Harvey (2005, p. 221), “é inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria”, fica evidente a correlação entre a cultura e o capital de forma que, a renda produzida a partir dessa relação se baseia no poder monopolista, isto é, esta renda surge porque “os atores sociais podem aumentar seu fluxo de renda por muito tempo, em virtude do controle exclusivo sobre algum item” (HARVEY, 2005, p. 222).

Recupera-se também de Harvey (2005), a ideia desenvolvida sobre a transformação da cultura como mercadoria. Evidente que o autor aborda a questão no contexto das grandes cidades e situações específicas. A análise realizada para a cidade de Muqui exige a contextualização da urbanização e da *formação socioespacial* (SANTOS, 1977) brasileira, bem como a posição de Muqui na rede urbana, como uma cidade pequena. Dessa forma, analisa-se neste capítulo a situação discutida pelo autor, no contexto da transformação da paisagem urbana de uma cidade pequena em elementos para dinamização do turismo a partir dos eventos culturais.

Para Cruz (2012), as cidades ditas históricas ficam rendidas às novas lógicas de produção dos espaços urbanos, segundo as quais, a cidade, por si só, se transforma em mercadoria.

O processo de uso capitalista da paisagem e da cultura de Muqui se constituiu a partir

do momento em que o patrimônio do sítio histórico foi reconhecido pelo CEC, e novas políticas mercadológicas foram inseridas no espaço. Devido às especificidades espaciais, econômicas e políticas, pode-se destacar dois momentos nesse processo. O primeiro momento foi a implantação do programa “Cama e Café”, a partir de 2005, esta forma de hospedagem em Muqui, foi promovido sobretudo, a partir da sua função como sítio histórico. E, em segundo plano, no decorrer dos últimos anos, os fluxos turísticos ganharam uma nova dimensão com o processo de criação de festivais culturais, promovidos, por sua vez, pelos agentes locais.

2.1. O papel de Muqui na rede urbana regional no Espírito Santo: a economia do café

Para Hautesquestt Filho (2011), os fazendeiros do Vale do Paraíba expandiram a fronteira agrícola devido à exaustão das terras do vale, fortalecendo o fluxo migratório para as terras capixabas. A economia do café foi a responsável pela viabilização do Espírito Santo, em especial na região Sul que tinha como centro econômico Cachoeiro de Itapemirim, criando uma extensa rede de comunicações através das ferrovias e portos.

O início da comercialização do café, segundo Hautesquestt Filho et al. (2016), ocorre com

a abertura de uma fazenda de café que foi adquirida por José Pinheiro de Souza Werneck, descendente do Barão de Ipiabas, que veio de Valença no estado do Rio de Janeiro. Aos poucos, outras fazendas foram sendo abertas, gerando um certo dinamismo econômico. Toda a produção de café era exportada pelos portos de Itapemirim e de Limeira, dependendo da localização da fazenda. (HAUTEQUESTT FILHO et al., 2016, p.2)

Dessa forma, além da produção ser escoada para Cachoeiro de Itapemirim, a partir de 1901 a ferrovia chega a Muqui viabilizando a comercialização do café, conforme aponta Hautesquestt Filho et al. (2016). Desse momento em diante a produção era exportada a partir do porto do Rio de Janeiro. O então Arraial era composto de cerca de 100 casas, com uma população de 500 pessoas. O acelerado crescimento do arraial fez com que em 1912 este ganhasse autonomia, emancipando-se do município de Cachoeiro de Itapemirim.

Segundo Bittencourt (2006), houve três fases provenientes do desenvolvimento da agricultura cafeeira que refletiram no Espírito Santo e, o atual município de Muqui experimentou todas elas. A primeira e mais longa fase fundamenta-se nas relações de produção de trabalho escravo, que só termina com a assinatura da Lei Áurea; a segunda fase está

relacionada ao trabalho assalariado, substituindo as relações de trabalho da primeira fase e a maioria dos trabalhadores eram imigrantes; a terceira e última fase pode ser entendida após 1929 em conjunto com a crise instalada neste período, rompendo a monocultura cafeeira e diversificando a produção.

Até 1920, devido a pujança econômica gerada pela economia cafeeira fez com que o fluxo de construtores, artistas e produtores na região começasse a se intensificar. Tal crescimento proporcionado neste período fez Muqui um dos grandes centros tropeiros da região Sul, a sua localização privilegiada era considerada uma “cidade boca do sertão”⁵, este fator fez com que Muqui se tornasse um centro de atração populacional no Espírito Santo até a década de 1940.

Segundo Hautequest Filho (2011), a partir de 1960 começou a erradicação dos cafeeiros, o êxodo rural acelerou agravando os problemas urbanos como, a ocupação das encostas na periferia da cidade. Em função do período anterior e o grande período de decadência econômica, a paisagem em grande parte permaneceu intacta.

Portanto, a partir de tal fato, não se pode entender a rede urbana e seus fluxos sendo composta apenas pelos grandes nós dos núcleos urbanos mais desenvolvidos e informatizados, mas também, pelos pequenos e numerosos nós, mesmo que pouco desenvolvidos, entretanto, estes acabam ocupando uma parte do território e desenvolvem funções nesta rede.

A rede urbana é transformada para Santos (1988), a partir da ação da globalização sobre elas:

a rede urbana passa a ser diferentemente definida porque se constituirá de agora em diante pelos pontos de encontros, nós ou nódulos, pelas conexões entre esses diversos círculos espaciais da produção e esses círculos de cooperação. (SANTOS, 1988, p. 60)

Observa-se que desde o período da economia cafeeira, a hierarquia entre as cidades capixabas já estava presente, para isso, recorreremos a Santos (1988) para entendermos este esquema hierárquico clássico. Isto é, as cidades pequenas que não possuem concretas condições para suprirem de todos os bens e serviços, logo, recorrem cidades regionais ou locais que demandam destes para viabilizar e tornar o espaço mais flexível. Tal fato atribui-se ao escoamento do café que era direcionado para Cachoeiro do Itapemirim e então era comercializado para a capital do estado.

⁵ Deffontaines (1938), define “cidade boca do sertão” sendo aquelas que serviam como centro de atração

populacional e comercial, por terem se desenvolvido na confluência de importantes caminhos que levavam às fazendas cafeeiras das regiões e que possibilitavam o escoamento da produção por via férrea ou portuária, como é o caso das cidades como Vitória, Colatina e Muqui.

Muqui é uma cidade pequena e está inserida, ainda, de forma hierárquica na rede urbana atual, ou seja, para Endlich (1999), esta pode ser definida quando ocorre a subordinação de pequenos núcleos urbanos aos maiores que estão localizados de forma próxima. Esta relação de subordinação ocorre através das relações comerciais, de serviços e administrativas.

Dentro da rede urbana regional, de forma hierárquica, a cidade de Muqui está polarizada por Cachoeiro de Itapemirim IBGE (2016), esta é a maior cidade do Sul do estado do Espírito Santo, em decorrência de fatores como ser a mais bem equipada da região em oferecimento de bens e serviços específicos. Cachoeiro de Itapemirim classifica-se como polo regional, ou seja, Muqui não possui a sua própria rede urbana polarizando as cidades vizinhas, mas está, pois, intimamente inserida em uma rede, sendo ela polarizada por uma cidade maior, neste caso representada por Cachoeiro de Itapemirim, classificada como Cidade Regional C (IBGE, 2007), estabelecendo assim a atual hierarquia na rede (Figura 5).

Contudo, devido aos processos efêmeros da/na rede enfrentados por Muqui, e de acordo com Santos (1998), não é mais possível ficarmos imunes às mudanças, sobretudo, continuarmos com os conceitos e classificações hierárquicas. Ainda para o autor, as observações e as mudanças reais, palpáveis e processadas ao longo do tempo nos propõe a pensar no abandono deste esquema hierárquico mais rígido. Portanto, a partir deste momento torna-se necessário repensar as consequências das transformações tanto na hierarquia das cidades, como nas redes frente ao processo de globalização conforme será analisado a seguir.

2.2 Muqui e os eventos turísticos e culturais: o consumo da paisagem no meio técnico-científico-informacional

O uso da paisagem urbana de Muqui está associado ao processo de tombamento do Sítio Histórico no espaço urbano. Esta função, intensificou-se, consideravelmente, no decorrer dos últimos 15 anos conforme o reconhecimento da paisagem local pelos agentes locais e pelo CEC.

Até o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a economia do município de Muqui era pautada em uma lógica agroexportadora, tendo como produto principal a comercialização do café e também, no pequeno comércio local. A organização socioespacial tanto no campo, quanto no urbano caracterizava-se por uma estrutura produtiva fundamentada no comércio regional.

Em relação ao espaço urbano, havia -e continua havendo- uma rede urbana formada em torno da cidade polo da região sul do estado do Espírito Santo, Cachoeiro de Itapemirim. A rede urbana até início dos anos 2000 complementava-se a partir das relações entre Muqui e a cidade polo e também, a capital Vitória, que exerciam a função de centro do comércio de café no estado (HAUTEQUESTT FILHO, 2011).

Os reflexos deste processo se verificam, de maneira preponderante, no espaço urbano local, que nos últimos 15 anos observou-se um incremento considerável no âmbito da estrutura oferecida pela cidade para abrigar o fluxo turístico recorrente ao sítio histórico e os eventos sazonais existentes (Tabela 1), essas mudanças na estrutura são, substancialmente um indicador de um fluxo turístico maior durante os eventos culturais apresentados ao longo de um ano. Neste sentido, as “manifestações culturais imateriais e os espaços patrimonializados cenarizados não são mais que a realização concreta de sua prévia representação, promovida por agentes públicos e privados (CRUZ, 2012, p. 102).

A paisagem da cidade começou a ser vista como uma forma de resgatar a economia local que estava estagnada desde a crise cafeeira além da arquitetura da cidade que era vista como algo obsoleto ao tempo e, a singularidade material e imaterial da cidade passaram a ser valorizadas tanto pela população local, como regional após a oficialização do sítio histórico.

Tabela 1- Eventos Culturais Sazonais Sediados em Muqui ao longo de um ano

Mês	Evento Cultural	Ocorre há
Fevereiro	Carnaval do Boi Pintadinho	47 anos
Agosto	Encontro Nacional de Folia de Reis	68 anos
	Festival de Cerveja – Cerveja na Praça	3 anos
Setembro	Festival de Cinema do Interior	6 anos
	Multipliqui – Festival de Cultura Jovem	3 anos
Total	5	

Fonte: Prefeitura Municipal de Muqui, 2017.
Organizado pela autora.

Nesse contexto, surge o projeto “Cama e Café”, que se constitui em uma parceria do Governo do Estado, por meio da Sedetur (Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo), BANDES (Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo), Sebrae-ES e prefeituras municipais. Segundo Trevezan (2007), este projeto busca potencializar o desenvolvimento de diversos segmentos turísticos, sobretudo, como uma forma alternativa de hospedagem, diferentemente dos tradicionais hotéis e pousadas. Com este objetivo, o programa busca casas em diversos municípios do estado em que os proprietários possam receber os turistas, fomentando a comercialização e a oferta turística para os locais no qual o programa esteja inserido.

Em virtude deste processo, cerca de seis casas no centro urbano de Muqui participam do projeto, a cidade que contava com 22 quartos do único hotel, passou a contar com mais de 35. Essa reestruturação do campo hoteleiro de Muqui veio acompanhada de ações a nível local e estadual que foram importantes em relação ao processo de modernização e ampliação da economia muquiense que se encontra em curso. Desta forma, para Coriolano (2006), o turismo

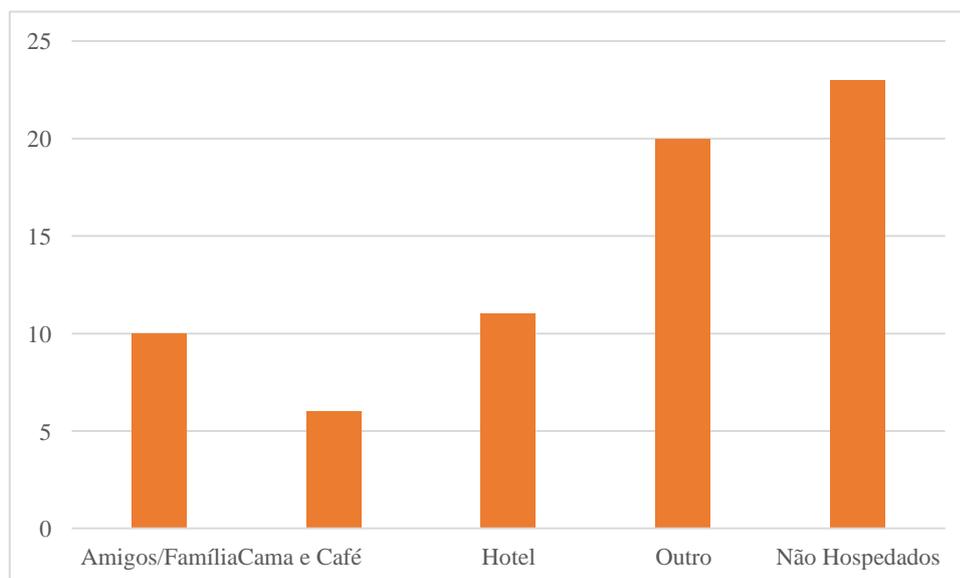
é uma modalidade de acumulação que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço, de forma heterogênea, pela ação do Estado, dos residentes, e dos turistas.

A realização dos festivais impulsionou a procura por hospedagens na cidade, contribuindo para o aumento da renda complementar das famílias participantes do programa. Segundo o proprietário de um dos imóveis que atendem pelo programa “a renda é complementar. Os eventos são os principais responsáveis pela ocupação das vagas na hospedaria. Inclusive tenho agenda cheia para quatro eventos em 2018, com pré-reservas”⁶. Neste sentido, segundo o proprietário, assim como ele, outras casas do programa costumam contratar diarista extra para as datas em que as reservas estão esgotadas. Para além dos festivais culturais da cidade, o proprietário diz que recebe hóspedes em decorrência de eventos em cidades vizinhas, como a *Stone Fair* de Cachoeiro de Itapemirim e, também em casamentos na cidade, em que aumenta a procura por hospedagem no único hotel da cidade. E, turistas que vêm especificamente para conhecer a cidade, atraídos pelas casas e suas características arquitetônicas, independente dos eventos realizados.

Em contraste do que ocorria antes das primeiras casas participantes do programa “Cama e Café” em Muqui, no transcorrer dos anos após a implementação deste programa e de outras formas alternativas de hospedagem, observa-se a divisão dos turistas em diferentes opções de hospedagem na cidade. Em relação a tal fato, durante os dois eventos estudados, nota-se um número razoável de turistas que se hospedaram em casas atendentes pelo programa “Cama e Café” e também no único hotel da cidade (Gráfico 1).

⁶Dados obtidos em entrevista com Ériton Berçaco, proprietário do Hostel “Solar do Lagarto”, realizada em 11 de agosto de 2017.

Gráfico 1 - Formas de hospedagem utilizadas pelos entrevistados durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis - 2017



Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

O Encontro Nacional de Folia de Reis em Muqui é o maior e o mais antigo do Brasil. Denominado em um primeiro momento de Torneio de Folia de Reis tem, segundo a SECULT-ES (2017), origem europeia e está ligado às festividades natalinas. No Brasil, a Folia de Reis possui força maior onde as cidades são de origem do período do apogeu da cafeicultura, principalmente nas pequenas cidades de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. O festival seleciona anualmente 50 grupos de Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais para o desfile no Sítio Histórico de Muqui,

Em Muqui, o ENFR ocorre há 57 anos. Atualmente, o Governo Estadual e o Governo Municipal são os principais agentes promotores do evento com apoio financeiro do Banestes (Banco do Estado do Espírito Santo).

A partir dos dados acima⁷, constata-se quatro situações: cerca de 23 frequentadores do 67º Encontro Nacional de Folia de Reis permaneceram apenas um dia na cidade, ou seja, permaneceram durante o tempo de realização do evento e não se hospedaram em nenhuma das opções, 20 pessoas se hospedaram em algum outro tipo de hospedagem alternativa não questionada, cerca de 11 pessoas se hospedaram no hotel da cidade, 6 pessoas se hospedaram em algum imóvel participante do “Cama e Café” e 10 pessoas se hospedaram na casa de amigos ou família.

⁷ Aplicação de questionários estruturados para os turistas durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis em 12 de agosto de 2017, ao todo foram 70 questionários aplicados em relação aos três mil turistas.

Uma segunda característica em relação às entrevistas do 67º ENFR foi que grande parte dos respondentes que permaneceram apenas um dia na cidade e não se hospedaram eram, na maioria, dentre eles estudantes do curso de jornalismo de duas universidades, uma de Vila Velha e outra de Vitória, que vieram exclusivamente para a realização de trabalhos de campo para produções audiovisuais durante o evento. Tal fato, desagradou alguns turistas respondentes, onde, para eles, havia mais fotógrafos do que turistas (Figura 6) e que eles atrapalharam um pouco o desfile.

Figura 6 - Estudantes do curso de jornalismo durante o desfile das folias



Fonte: Trabalho de Campo; Camilla Ribeiro Leal, 12/08/2017.

Por outro lado, não se descarta a dimensão que os trabalhos audiovisuais produzidos durante o evento podem alcançar, trazendo mais visibilidade para o festival. Dessa forma, têm-se como hipótese a continuação dos trabalhos de campo durante esse e outros eventos na cidade, bem como, os trabalhos realizados durante a realização do festival possam servir como uma

porta de entrada para mais turistas ao sítio histórico. Esses profissionais de comunicação são responsáveis pela difusão das informações sobre o lugar e contribuem com a produção do discurso.

Entretanto, o FECIN, segundo Léo Alves, idealizador do festival, surgiu quando

começamos a fazer vídeos pelas ruas de Muqui, em câmeras amadoras ou celulares. A gente inventava cinema e via a cidade como uma cidade cenográfica. Daí o Jussan, meu amigo, comentou: vamos criar um festival de cinema? A gente nem ao menos sabia como fazer um festival, mas fizemos! Foi em Muqui porque é nossa cidade, nossa cidade cenográfica! A ideia veio dele e eu embarquei junto.⁸

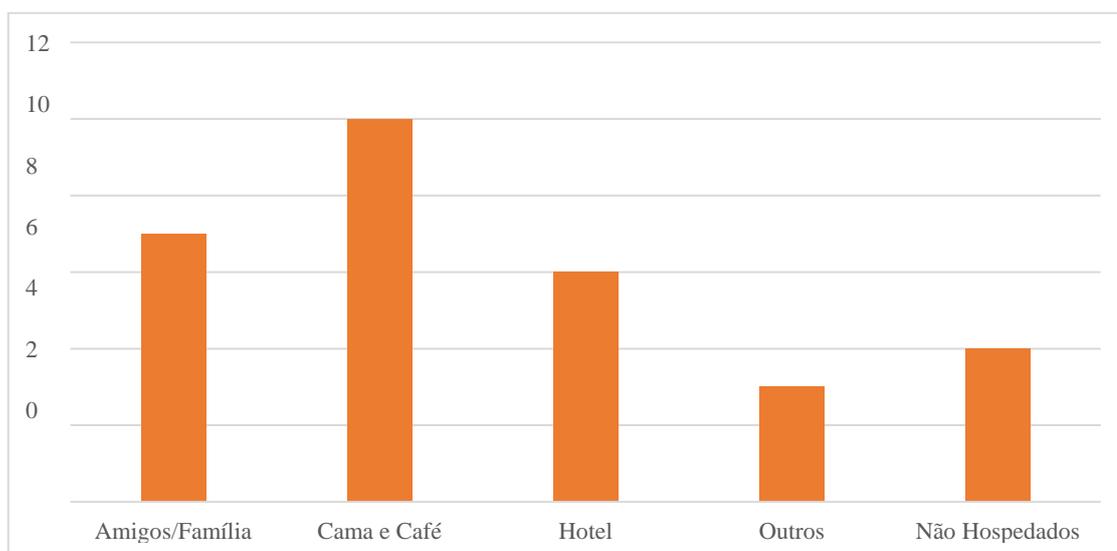
O Festival é realizado uma vez por ano com incentivos do SEBRAE-ES, e segundo Léo Alves o orçamento anual do festival é de oitenta mil reais e, para ele, este valor é relativamente pequeno comparado aos incentivos do Estado e do setor privado em outros festivais de cinema. Para Léo, todo ano o festival passa por dificuldades financeiras e a falta destes recursos impossibilita na realização das edições ou atrapalham na qualidade do projeto.

A partir de entrevistas informais durante o festival, notou-se que há conflitos em relação a alguns moradores da cidade que são contra o FECIN pelo fato do evento trazer um público específico às suas mostras audiovisuais, sobretudo por apresentar uma mostra dedicada ao público transexual. Uma pequena parte da população em conjunto com alguns vereadores entrou com um pedido para o cancelamento do evento na cidade, porém, constatou-se que tal pedido não foi aceito e o evento foi sediado durante os dias 08 e 09 de setembro de 2017.

Durante o 6º Festival de Cinema do Interior houve um aumento do número de hóspedes nas casas direcionadas ao programa “Cama e Café” e uma diminuição do número de hóspedes no hotel conforme o gráfico 2.

⁸Dados obtidos em entrevista com Léo Alves, produtor e idealizador do Festival de Cinema do Interior, realizada em 10 de outubro de 2017.

Gráfico 2- Formas de hospedagem utilizadas durante o 6º Festival de Cinema do Interior – 2017



Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

A maioria dos turistas entrevistados participantes do 6º FECIN optaram por se hospedar em alguma casa, o número de turistas entrevistados que buscaram o hotel ficou atrás dos turistas que se hospedaram na casa de amigos ou família.

Assim, levando em consideração os números, torna-se evidente a utilização do “Cama e Café” nos eventos realizados na cidade, por outro lado, observando os mesmos gráficos nota-se que o número de reservas no hotel ainda é muito expressivo. Todavia, tal fato corrobora, por sua vez, com a ideia de que durante os festivais, todos os programas de hospedagens alternativas apresentam uma significância que extrapola a busca pelas reservas no hotel, tanto por haver poucos quartos disponíveis, quanto por possuírem diárias mais baratas.

Portanto, no primeiro momento pode-se citar o aumento dos leitos de hospedagem no município, que conseqüentemente reflete numa maior capacidade de abrigar turistas por um determinado período de tempo, conseguinte, num interesse dos agentes, de forma em fomentar as atividades turísticas e culturais locais, avocando um maior fluxo turístico, determinando novas dinâmicas capitalistas, como, a criação dos festivais de cinema, música e de cerveja artesanal, ambos sendo realizados periodicamente uma vez ao ano. Para Cruz (2012), o turismo em grande parte dos casos tem sido a grande mola propulsora por essas ações, que refuncionalizam os bens culturais.

Nos últimos três anos houve uma intensificação na realização dos eventos na cidade, atraindo ainda mais turistas, fazendo com que necessidades fossem criadas tanto para atrair o

público, como para que haja o conforto e a mobilidade dos turistas durante os dias em que ocorrem os mais diversos festivais no sítio histórico.

Neste sentido, é possível notar a criação de mais leitos de hospedagens tanto no único hotel da cidade quanto das casas que oferecem o programa “Cama e Café”, fazendo com que a cidade sofresse uma expansão qualitativa e quantitativa, tornando o lugar cada vez mais atrativo para o capital comercial no âmbito da rede hoteleira e do comércio local e, também para o fomento e criação de mais festivais.

A partir dos dados coletados em trabalho de campo durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis e o 6º FECIN, foi possível identificar o perfil do público frequentador dos festivais e o fluxo econômico gerado na cidade durante a realização desses eventos, além de entrevistas que auxiliaram a compreender de que forma os proprietários dos imóveis se preparam para receber um número maior de turistas no “Cama e Café” nas épocas de maior procura por hospedagens, que ocorrem durante os períodos sazonais de ocorrência dos festivais.

Nesse contexto, contata-se que os festivais são os principais instrumentos de mercantilização da paisagem, já que ela é o principal incentivo para a realização dos festivais que a utilizam como uma fetichização para os turistas. Por consequência, houve uma expansão nas atividades econômicas relacionadas ao *circuito superior e inferior da economia urbana* (SANTOS, 2014), como o comércio e a rede hoteleira, que intensifica as suas vendas durante os eventos no sítio histórico e, também, os ambulantes que se utilizam dos eventos para realizar as vendas de seus produtos (Figura 7).

Figura 7 - Mercadorias do circuito inferior em segundo plano durante o 67º ENFR

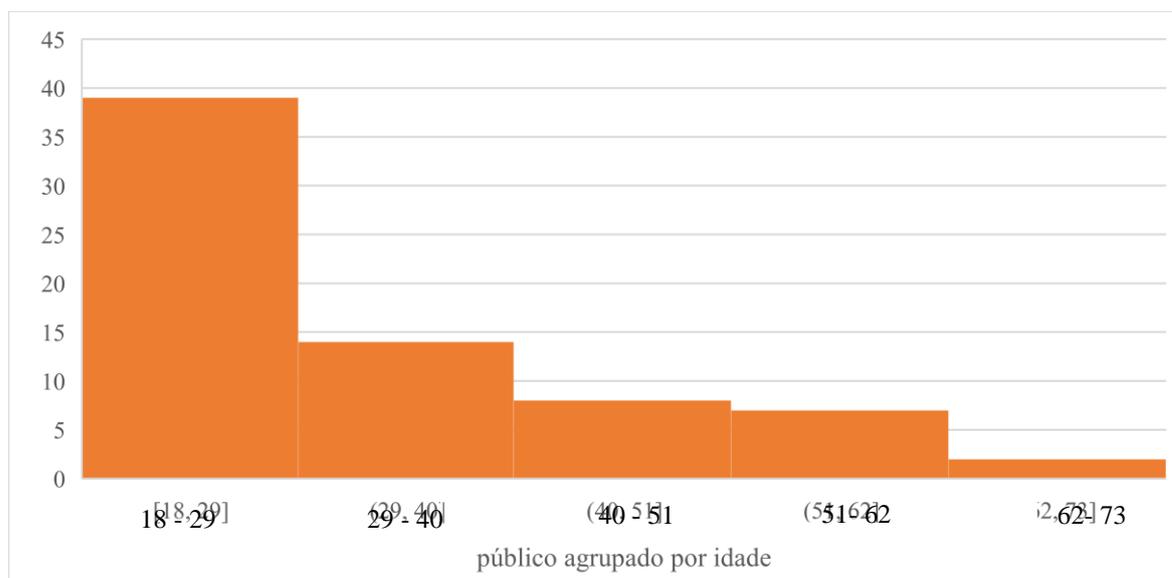


Fonte: Trabalho de Campo; Camilla Ribeiro Leal, 12/08/2017.

O turismo para Coriolano (2006), é uma atividade produtiva e moderna que reproduz a organização desigual e combinada dos territórios capitalistas, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelos meios e modos de produções locais. Dessa forma, o Estado em favor do mercado, embora e aos poucos, a sociedade civil de vários lugares descubram estratégias de beneficiar-se economicamente a partir dele.

A partir dos setenta questionários aplicados foi possível traçar o perfil do público frequentador do 67º ENFR (Gráfico 3), e agrupá-los a partir da sua idade. Dessa maneira, estabeleceu 5 grupos com idades variando entre 18 a 73 anos. Contudo, a característica do perfil do público frequentador divide-se entre jovens e adultos, sobretudo com a idade média entre 18 e 29 anos, tal fato fundamenta-se devido ao grupo de estudantes de jornalismo em decorrência do trabalho de campo.

Gráfico 3 - Perfil do Público Frequentador do 67º Encontro Nacional de Folia de Reis, segundo grupos por idade - 2017



Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

Em relação ao perfil do público frequentador é notório que as idades predominantes estão entre os 18 a 29 anos e entre os 29 a 40 anos, portanto, o festival estabelece uma faixa etária média entre jovens-jovens, jovens adultos e adultos. Nota-se a grande quantidade, cerca de 38, de jovens-jovens e jovens adultos (entre 18 a 29 anos), tal fato é recorrente ainda dos estudantes de jornalismo entrevistados durante o festival.

Portanto, é possível caracterizar o perfil do público frequentador do 67º ENFR, contudo, não estabelece este perfil como característico para todos os anos de ocorrência dos festivais visto que, há probabilidades de não ocorrer os mesmos eventos nos próximos anos como ocorreu em 2017, como por exemplo, as aulas de campo para os alunos do curso de jornalismo.

A média de gastos dos setenta entrevistados foi de R\$79,00 por dia e, com base na tabela abaixo foi possível dividir o público em treze distintos grupos de acordo com a média gasta por dia decorrente de cada frequentador.

Tabela 2 - Média de gastos dos entrevistados durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis – 2017

Quantidade de Pessoas	Gasto/Dia (R\$)	Porcentagem (%)
4	300	5,7%
2	200	2,8%
6	150	8,5%
9	100	12,8%
6	80	8,5%
2	70	2,8%
3	60	4,2%
14	50	20%
5	40	7,1%
5	30	7,1%
2	25	2,8%
10	20	14,2%
2	15	2,8%
Total	70	Média/Dia R\$79,00
		Total 100%

Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

A partir dos dados coletados em relação à média de gastos dos turistas foi possível a distribuição de treze grupos selecionados de acordo com a média de cada turista, portanto, 20% dos turistas (a maior parte) gastou R\$50,00 por dia, seguido dos 14,2% que gastaram em torno de R\$40,00, além dos outros onze grupos que gastaram entre R\$300,00 a R\$15,00 durante o festival.

Tanto o turismo quanto a economia estão diretamente ligados à paisagem e as políticas públicas municipais que são essenciais para compreender a dinâmica do circuito cultural e

urbano desta cidade pequena, capaz de atrair fluxos de pessoas e de rendas volumosos – para os parâmetros de uma cidade pequena – em decorrência desses circuitos sazonais, como os festivais já tradicionais e os novos eventos, como o FECIN.

Em relação ao festival de cinema, foram aplicados trinta questionários⁹. Foi possível traçar o perfil do público frequentador do festival e estabelecer a idade dos frequentadores (Tabela 3), assim como a média de gastos em cada dia do festival (Tabela 4).

Sobre o perfil público do 6º Festival de Cinema do Interior observou-se que este se destaca por razão da grande quantidade de jovens e adultos, bem como pelo dinheiro que este público gastou durante os dois dias de festival.

⁹ Aplicação de questionários estruturados os turistas durante o 6º FECIN, foram aplicados 30 questionários em relação aos 500 frequentadores, entre os dias 08 e 09 de setembro de 2017.

Tabela 3 - Perfil dos frequentadores entrevistados no 6º Festival de Cinema do Interior – 2017

Idade	Quantidade de Pessoas
16	2
17	1
18	2
20	4
21	1
22	3
23	1
24	1
25	2
27	7
28	1
29	4
30	5
32	2
Total de Pessoas	30

Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

Diferente do 67º ENFR, o perfil do público frequentador caracteriza-se, de forma predominante por adolescentes e jovens-jovens, estes agrupados entre os 16 e 21 anos, entretanto, o maior grupo de respondentes tinha idade mínima entre 27 e 33 anos. Não se sabe

ao certo a razão por ter classificações etárias tão distintas do primeiro festival apresentado aqui, entretanto, sabe-se que, o público do 6º FECIN foi de 500 pessoas por noite.¹⁰

Assim como foi possível estabelecer a média gerada no 67º ENFR, também foi possível estabelecer para o festival de cinema (Tabela 4).

Tabela 4 - Média gerada durante o 6º Festival de Cinema do Interior - 2017

Quantidade de Pessoas	Gasto/Dia (R\$)	Porcentagem (%)
3	200	10%
3	150	10%
12	100	40%
3	70	10%
9	50	30%
Total	30	Média/Dia
		Total 100%
		R\$94,66

Elaboração: Camilla Ribeiro Leal, 2017.

Os frequentadores do FECIN, assim como os do ENFR, foram divididos em 5 grupos de acordo com os gastos médios durante cada dia de festival, dessa forma, estabeleceu que 40% dos turistas gastaram R\$100,00 por dia, seguidos dos 30% que gastaram R\$30,00, os outros 30% de público dividiu-se em três grupos de 10% no qual gastaram entre R\$200,00, R\$150,00 e R\$70,00 respectivamente.

Contudo, o Encontro Nacional de Folia de Reis acontece há mais de 60 anos e foi possível observar que em apenas um dia de festival, o público atraído foi maior que o Festival de Cinema do Interior que ocorre em dois dias. Não se propôs durante a pesquisa comparar os dois festivais e sim, estabelecer dados que nos ajudam a compreender de que maneira esses eventos contribuem para o estabelecimento de fluxos e dinamização das interações de Muqui com outras cidades da rede urbana, na tentativa de romper a estagnação econômica da cidade.

¹⁰ Dados obtidos em entrevista com Léo Alves, produtor e idealizador do Festival de Cinema do Interior, realizada em 10 de outubro de 2017.

Contudo, durante 6º FECIN foi possível identificar um tipo específico de público frequentador; diferente do ENFR, assim como a média de gastos gerada pelos dois são diferentes. A origem dos respondentes dos questionários é distinta, o que contribui ainda mais para a geração de fluxos sazonais desta rede urbana, principalmente durante o Festival de Cinema do Interior que estabelece fluxos materiais e imateriais de diversas cidades do país, principalmente as capitais, que são as que mais produzem materiais audiovisuais, criando novos espaços de consumo e novas complexidades como foi analisado a seguir.

2.3. As novas interações de Muqui na rede urbana: “as centralidades sazonais”

De que maneira a transformação da paisagem urbana – do Sítio Histórico de Muqui – em paisagem para o consumo capitalista, influíram sobre a dinâmica da rede urbana desta cidade pequena no período técnico-científico-informacional?

A globalização para Corrêa (1999), causa impacto na esfera econômica, sobretudo no âmbito social, político, econômico e, simultaneamente sobre a organização espacial. Santos (2001), compreende a globalização como a difusão do meio técnico-científico-informacional, além desta ser parte e entendida como uma nova fase frente às modernizações trazidas no período atual. Este período de globalização em Muqui se faz mais presente a partir dos novos objetos e ações, expressando feições mais técnicas e informacionais, propiciadas pelo meio técnico-científico-informacional, este entendido para Santos (2001), como um meio em que se constitui o uso da técnica e da informação, provocando modificações acerca da rede urbana e do espaço intraurbano. Diante disso, o espaço intraurbano impulsionou-se, tornando a rede urbana cada vez mais diferenciada e complexa, haja visto que a cidade passou a responder às relações específicas a sua realidade.

Este período trata-se de uma reestruturação espacial que reflete na articulação entre as regiões e os centros urbanos, de forma que os objetos tendem a ser repletos de informações, ou seja, são técnicos e informacionais, impondo funcionamentos globais no território, difundindo os objetos e informações mais rapidamente. Ainda, para Corrêa (1999), os investimentos pensados e programados reestruturam inúmeras e complexas redes, e, “trata-se, em toda parte, de uma rede urbana que sofreu o impacto da globalização, na qual cada centro, por minúsculo que seja, participa, ainda que não exclusivamente, de um ou mais circuitos espaciais de produção” (CORRÊA, 1999, p. 44).

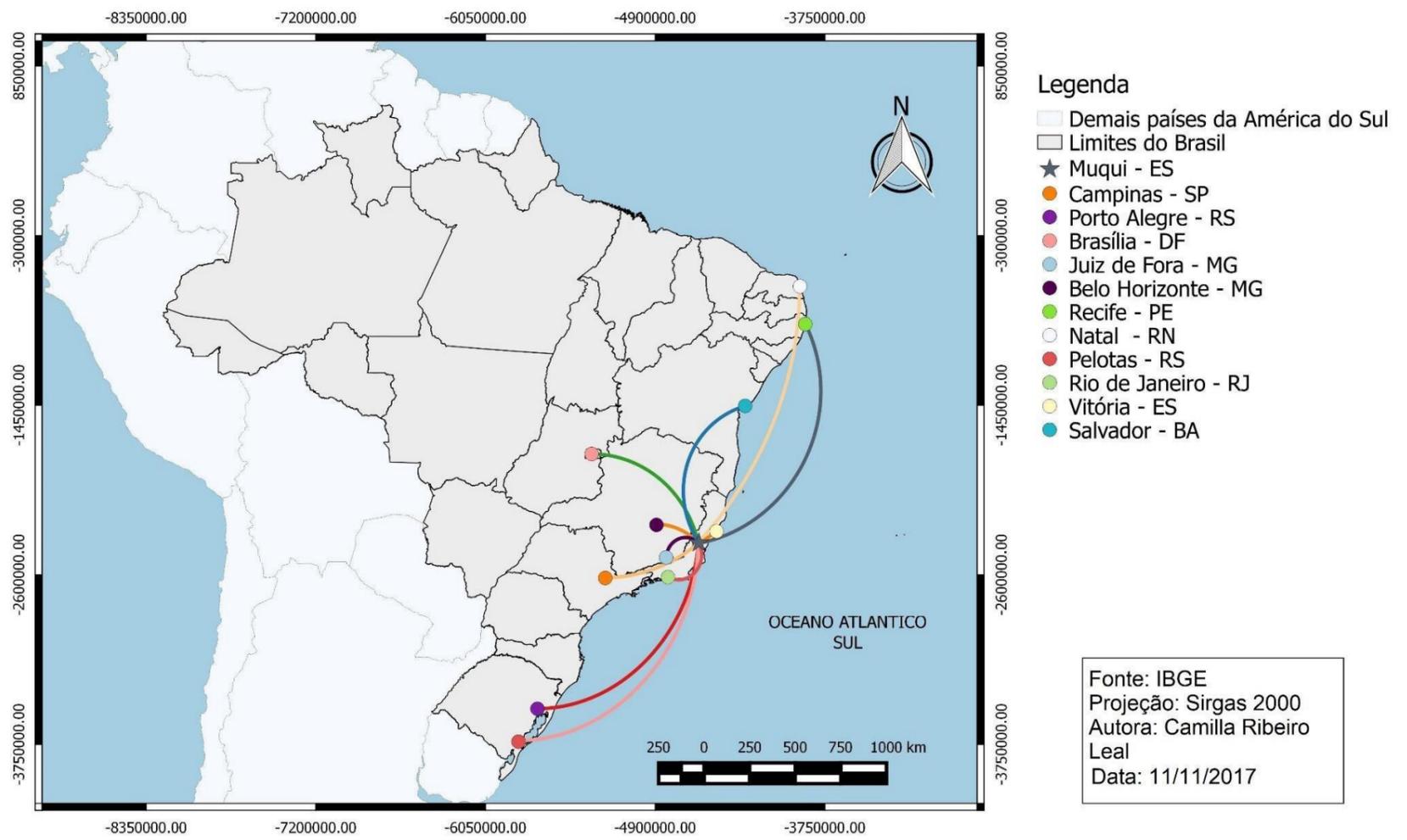
As mudanças introduzidas nos últimos anos de ocorrências dos festivais alteraram as funções do pequeno lugar central, alterando seus fluxos na rede ao longo do tempo. O Festival de Cinema do Interior, no ano de 2017, recebeu 200 filmes de todos os estados brasileiros, porém selecionou apenas 14 entre documentários, animações e ficção de cidades como, Belo Horizonte, Campinas, Porto Alegre, Vitória, Recife, Brasília, entre outras. Nota-se que as produções dos filmes são estritamente realizadas nas capitais ou em grandes cidades (Figura 8), Muqui torna-se apenas um *locus* de exibição destes filmes a partir de agentes que realizam este processo por meio dos festivais de exibição. Com relação à produção, evidencia-se uma certa hierarquia com relação aos lugares que produzem o conteúdo dos filmes.

Isto é, a produção, inclusive cinematográfica brasileira, mesmo de circuitos alternativos, acaba sendo concentrada nas grandes cidades, de forma que, as cidades pequenas, em sua maioria, não produzam conteúdos que as insiram na rede urbana como produtores de conteúdo, como por exemplo, o meio do entretenimento.

Entretanto, para um dos curadores dos filmes do 6º FECIN, os critérios de seleção para os filmes se baseiam na formação de plateia da cidade, já que é o único festival de cinema desta, por isso, filmes como, animação, documentários e ficção são os mais cotados para exibição. Além de, filmes que reforçam a identidade local, com temas ligados à cultura do campo, do interior, cultura popular, valorização do patrimônio histórico; filmes que abordam temas atuais, com temas ligados aos direitos humanos; e filmes que exploram o diferente, como filmes que fogem da realidade dos moradores e frequentadores do festival, como ficções experimentais e videoarte. Segundo o curador, o festival recebe filmes de vários lugares do Brasil, sendo interior ou capital, recebendo até filmes estrangeiros, mesmo a cidade de origem não sendo critério de seleção e sim, os critérios citados acima.

Figura 8 - Cidades Seleccionadas para o 6º FECIN – 2017

Mapa das Cidades Seleccionadas para o 6º FECIN – 2017



A rede urbana, segundo Corrêa (1989), se constitui em um meio em que se realiza a difusão da produção, circulação e consumo, onde as regiões se articulam e a partir de uma rede de comunicações, estabelecendo uma economia, ou seja, “via rede urbana e a crescente rede de comunicações a ela vinculada, distantes regiões puderam ser articuladas, estabelecendo uma economia” (CORRÊA, 1989, p.5).

Neste contexto, compreende-se que a produção dos eventos turísticos e culturais, que o usam o sítio histórico como paisagem a ser consumida, são necessários como atrações turísticas, tendo vinculado a esse processo tanto pessoas da região, quanto dos mais distantes estados do país. Assim, Muqui estabelece uma rede de comunicação e consumo articulados as outras dinâmicas espaciais, formam-se fluxos materiais e imateriais a partir de uma pequena cidade, uma nova centralidade urbana é exercida por Muqui, mesmo que de forma efêmera. Essa pequena cidade da rede urbana, torna-se centro turístico e cultural a partir da paisagem do sítio histórico, pode-se dizer ainda que os festivais realizados na cidade são vetores do processo de expansão dos fluxos com direção à Muqui na rede urbana, mesmo que de forma sazonal.

Com os eventos culturais em Muqui, notou-se uma nova interação da cidade com os demais da rede urbana existente, ou seja, durante o ano Muqui estabelece fluxos padrões, sendo polarizado por outras cidades na rede urbana, entretanto, durante a realização dos eventos que ocorrem sazonalmente, sobretudo os estudados durante esta pesquisa (Encontro Nacional de Folia de Reis e FECIN), a rede urbana regional estabelece uma nova dinâmica, e tem Muqui como o centro desta articulação.

A articulação da rede urbana padrão de Muqui se dá conforme as suas necessidades econômicas, especialmente por ser uma cidade pequena. Para auxiliar na situação geográfica em que a cidade de Muqui se encontra, recorre-se então ao conceito de cidade pequena definido por Fresca (2010) a partir da noção de tamanho e, em relação as cidades, faz-se uma associação entre o pequeno número de habitantes com pequena área - analisado de forma mensurável – ocupada por uma cidade.

Porém, ainda para a autora, essas variáveis resultam em apenas classificar cidades similares, contudo, não levará em conta as especificidades de cada uma delas. Para Fresca (2010), a ideia de que a cidade possa ser classificada como “pequena” é a sua inserção em uma rede urbana e/ou região que dará elementos e melhores condições para entendê-las como tal.

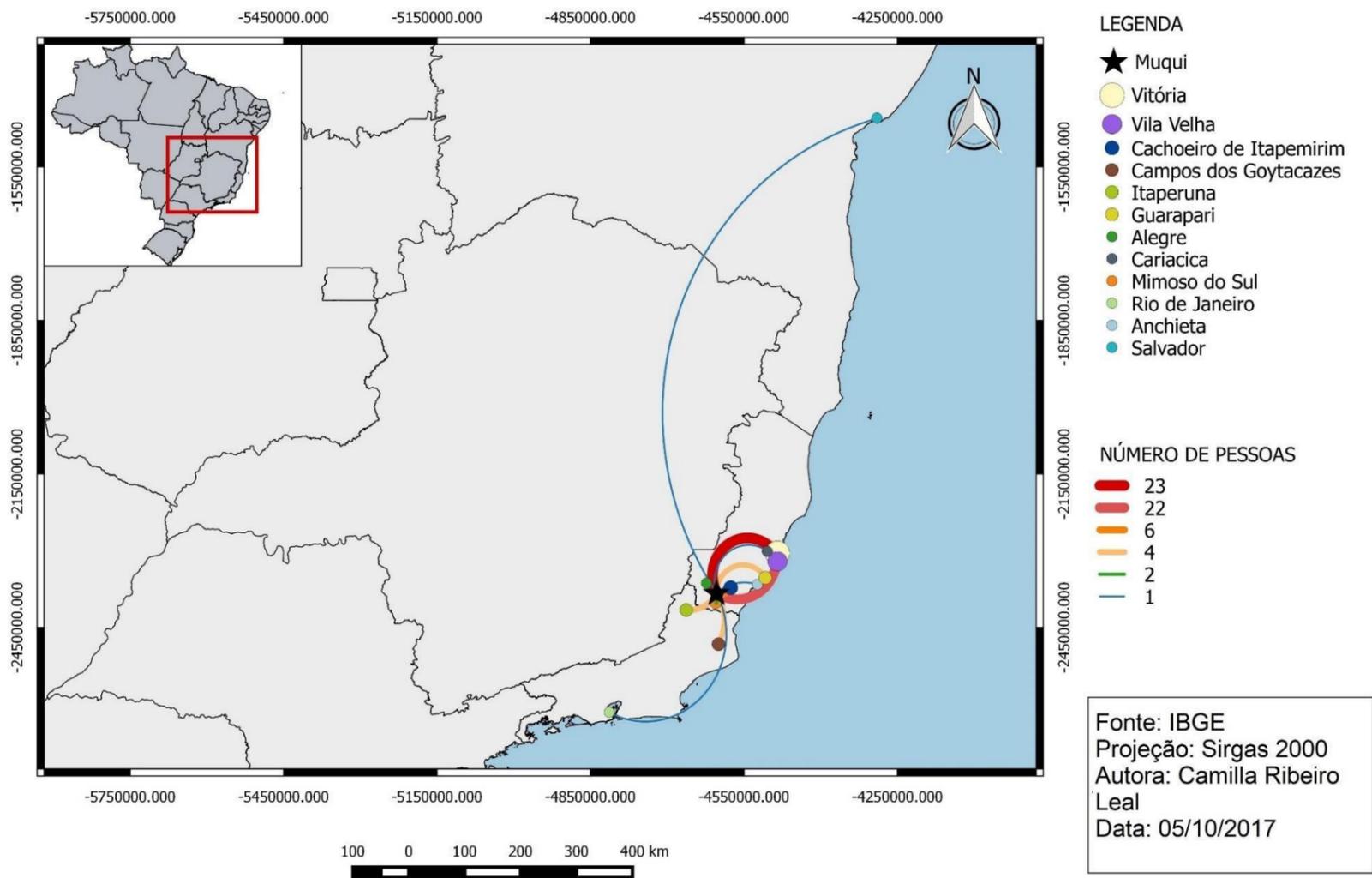
Desta forma, para Fresca (2010), por mais que ocorram atividades urbanas complexas que extrapolam o denominado “nível mínimo de atividades”, isto não gera elementos necessários para que estas possam ser classificadas como intermediárias. Assim, a autora identifica que a reestruturação produtiva impôs para as cidades pequenas outras demandas que

possibilitaram o desempenho de novas centralidades no contexto da rede, sobretudo nas transformações e complexidades que as intensas modificações trazem à rede urbana. Portanto, não é somente a grande cidade que se faz de forma complexa, os pequenos segmentos também se fazem complexos pelo simples fato de requererem um entendimento do todo em que se inserem.

Durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis foi possível estabelecer a articulação da rede urbana a partir de questionários aplicados, recorremos a origem dos setenta respondentes, logo, foi possível analisar a forte relação em que a cidade de Muqui estabelece com a RMV (Região Metropolitana de Vitória), no qual, dos participantes entrevistados, 23 eram de Vitória e 22 de Vila Velha, além da rede urbana se perpetuar para cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes. Ao todo, 12 cidades (Figura 10) foram identificadas, fazendo com que o consumo, comunicação e demais fluxos se articulassem entre essa rede.

Figura 10 - Fluxo Turístico durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis

Mapa de Fluxo Turístico durante o 67º Encontro Nacional de Folia de Reis



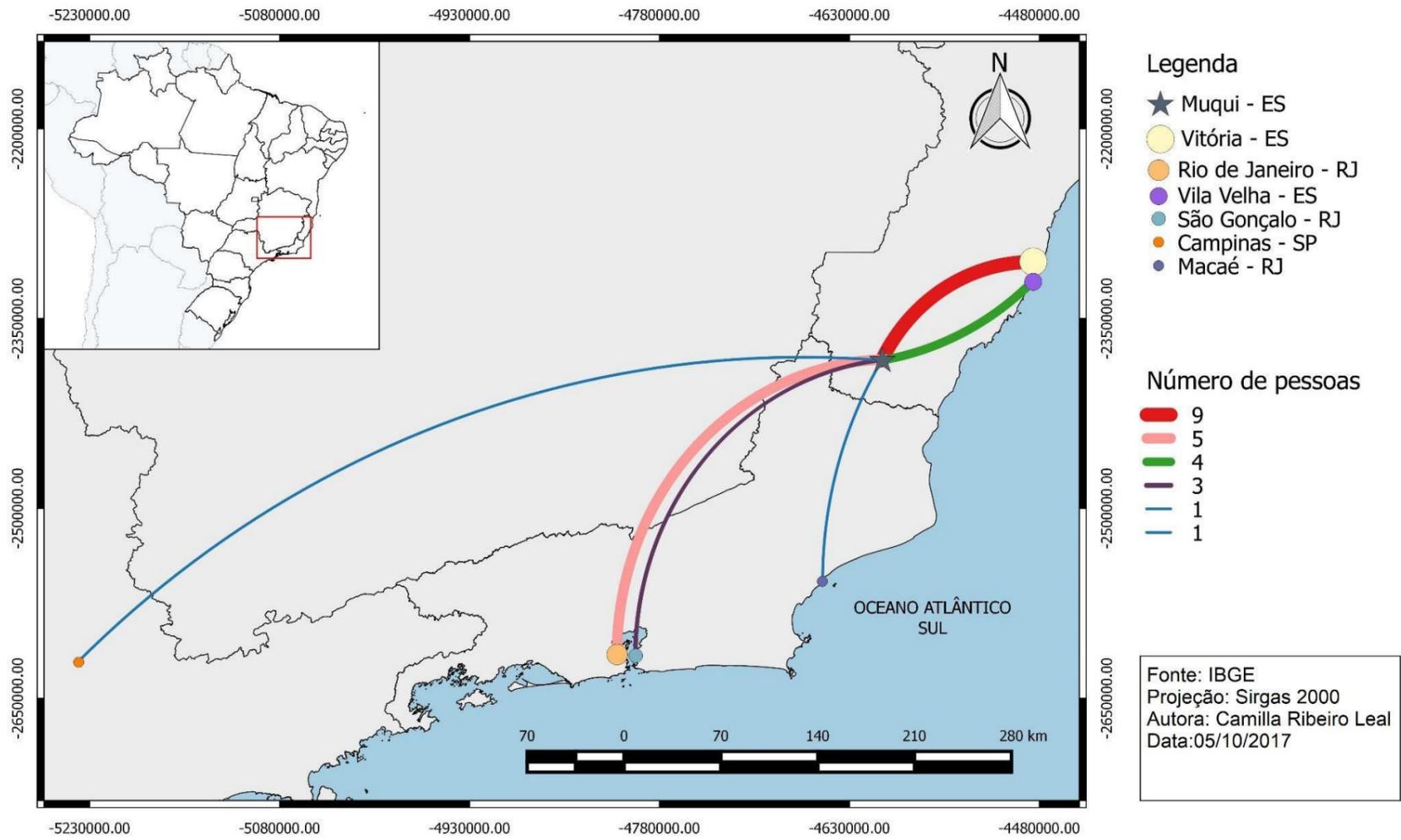
Estes momentos são de crucial importância para a análise geográfica das interações das cidades. Para Corrêa (2000), por menor que sejam, a cidade e a rede urbana apresentam formas dotadas de grande fixidez e, exatamente por este motivo, apresenta uma enorme capacidade de refuncionalização, principalmente a partir das formas capitalistas incorporadas – a cidade e a rede urbana possibilitam a coexistência de formas e funções novas e velhas.

A dinamização da rede urbana e a produção do espaço a partir destes eventos mantém a tendência de se expandirem, direcionando-se predominantemente para as cidades dos estados vizinhos. Em termos concretos, pode-se afirmar que, nesse momento, a flexibilização da rede urbana é constituída pelas cidades na qual o fluxo turístico faz parte.

Durante o 6º FECIN foi possível estabelecer o mapa de fluxo turístico para o evento (Figura 11). A dinâmica deste foi menos ampla do que as cidades selecionadas para exibir os seus respectivos filmes. Ao todo foram identificadas seis cidades, de três estados diferentes: Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Observa-se também que o fluxo estabelecido com a RMV continua intenso, assim como no 67º ENFR, tal fato pode ser explicado pela distância geográfica estabelecida entre ambas as cidades e pelo fácil acesso, e também, por alguns cineastas que exibiram seus filmes durante o festival terem sido respondentes da pesquisa.

Figura 11 - Fluxo Turístico durante o 6º Festival de Cinema do Interior

Mapa de Fluxo Turístico para o 6º FECIN - 2017



Contudo, analisamos durante este capítulo as mudanças desenvolvidas nesta cidade pequena em decorrência de agentes que são capazes de modelar a rede de informações e de fluxos tanto materiais quanto imateriais devido os eventos estudados ao longo da pesquisa.

Por fim, a partir de tais resultados apresentados, temos como hipótese que essas interações de Muqui na rede urbana, podem se intensificar. Dessa forma, tende-se a continuar os fluxos sazonais, portanto, podendo se espalhar a partir dos canais de comunicações criados, tanto pelos turistas, quando pela grande quantidade de fotógrafos presentes nos festivais. Ao que tudo indica, Muqui caminha para uma consolidação no imaginário regional, como um lugar detentor de uma paisagem urbana a ser consumida.

Considerações Finais

O desenvolvimento deste trabalho objetivou contribuir para o entendimento do uso da paisagem urbana de Muqui, seu Sítio Histórico, no período técnico-científico-informacional. Para tanto, buscou-se amparar na Geografia Urbana para compreender e construir as questões recorrentes após a oficialização de Muqui como o maior Sítio Histórico do Espírito Santo. Desse modo, utilizando-se como metodologia a coleta de dados secundários, mas, principalmente pesquisas primárias (trabalho de campo, entrevistas e registro fotográfico), analisou-se as transformações que estão ocorrendo nesta cidade pequena e suas interações com outras cidades.

Pode-se compreender que a construção da imagem de uma paisagem *exótica* apresentada por essa cidade está intimamente ligada aos processos de refuncionalização e ressignificação do espaço analisado. Estes processos se constituem como pilares acerca do consumo realizado no sítio histórico, a partir da fetichização turística envolta neste espaço decorrente da paisagem de tempos passados.

Analisou-se como as atividades econômicas na cidade de Muqui são modificados a partir da realização dos festivais que intensificam e modificam os fluxos, mesmo de forma sazonal. A cidade a cada evento realizado, estrutura o espaço com atividades terciárias, como é o caso do aumento das opções de hospedagem na cidade, além dos fluxos imateriais realizados no espaço para cada evento estudado, como, por exemplo, os filmes selecionados para o Festival de Cinema do Interior, que trazem elementos simbólicos e muitas vezes distintos do conteúdo local.

Tais eventos, mesmo que efêmeros, constantes nesta pequena cidade talvez indique que a globalização está sim adentrando aos menores centros, visto que por menor que seja a cidade, esta não está imune às mudanças trazidas neste período, sobretudo a partir da rede de informações estabelecidas nos últimos anos, como aponta Corrêa (2000).

Portanto, devido tempos econômicos passados e a produção de um discurso sobre a importância da paisagem herdada. Hoje o sítio histórico contribui para inserir Muqui no circuito cultural através dos fluxos estabelecidos neste período por parte do consumo turístico e da cultura. De forma que esta última fique subordinada às necessidades capitalistas de consumo, tendo estreita relação aos modismos, intensificando a espetacularização desta.

Inegavelmente, por meio da análise da situação geográfica de Muqui, pode-se realizar uma reflexão de como as cidades pequenas querem sair de sua condição de certa “estagnação” e se inserirem na rede urbana na atualidade. O meio técnico-científico-informacional vai ser

incorporado e a rede urbana hierárquica passa a conviver com fluxos e interações menos rígidas e mais dinâmicas, muitas vezes, não registradas pelas estatísticas por serem fluxos efêmeros, configurando ao que se denominou “centralidades sazonais”.

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **História geral e econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril**. Vitória: Multiplicidade, 2006. p. 158.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- _____. **Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades**. Território, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 41-53, 1999.
- _____. **Rede urbana e formação espacial: uma reflexão considerando o Brasil**. Revista Território, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 121-129, 2000.
- _____. **O interesse do geógrafo pelo tempo**. Boletim Paulista de Geografia, V. 94, 2016, p. 1-1.
- CORIOLO, L. N. M. T. Turismo: Prática Social de Apropriação e de Denominação de Territórios. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.), **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires, Clacso, 2006, p. 367-378.
- CRUZ, R. C. A. Planejamento Governamental do Turismo: Convergências e Contradições na Produção do Espaço. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.), **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires, Clacso, 2006, p. 337-350.
- _____. **“Patrimonialização Do Patrimônio”: Ensaio Sobre a Relação Entre Turismo, “Patrimônio Cultural” e Produção do Espaço**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 31, p. 95-104, 2012.
- DEFFONTAINES, Pierre. **Como se constituiu no Brasil a Rêde de Cidades**. Boletim Geográfico, v. 2, n. 14, p. 141-148, 1944.
- ENDLICH, A. M. **Maringá e a rede urbana regional: resgate histórico-geográfico**. Boletim de Geografia. n. 17, p. 1-21, 1999.
- FRESCA, T.M. **Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias**. Mercator, número especial, p. 75-81, dez. 2010.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: AnnaBlume, 2005, p. 251.
- HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Arquitetura urbana do café em Muqui-Es**. 2011. 249 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2011.

HAUTEQUESTT FILHO, G. C.; BERNARDO, L. C.; MARTINHO, M. L. M. L. A **despatrimonialização da cidade histórica de Muqui, Espírito Santo, Brasil.** In: Congresso Ibero-Americano Patrimônio, suas matérias e imatérias, 2016, Lisboa, Portugal.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Cidades.** 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=320380/>> Acesso em: 09 de setembro. 2017.

_____. **Regiões de Influência das Cidades, 2007.** Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf/>> Acesso em: 20 de novembro. 2017

LUCHIARI, M. T. D. Paes. **PATRIMÔNIO CULTURAL – USO PÚBLICO E PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.** In: XI Encontro Nacional Da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, 11., 2005, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPUR, 2005, p. 1-17.

NICOLAU, Ricardo Alexandre. **A identidade socioespacial e constituição territorial: o papel das dinâmicas econômicas na conservação do patrimônio.** 2010. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2010

PESSOTTI, Luciene. **Arquitetura Cafeeira do Sul do Espírito Santo: o casario histórico de Muqui.** III Encontro Da Associação Nacional De Pesquisa E Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Arquitetura, Cidade E Projeto: Uma Construção Coletiva, 3., 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ENANPARQ, 2014. p. 1-11.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil.** Espaço e Debates, n.35. São Paulo, 1988.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, v. 4, p. 136, 1988.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal.** 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2014.

SECULT (Secretaria de Estado da Cultura). **Inscrições abertas para o Encontro Nacional de Folia de Reis de Muqui.** 2017. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/inscricoes-abertas-para-o-encontro-nacional-de-fofia-de-reis-de-muqui/>> Acesso em: 20 de novembro. 2017.

SILVEIRA, Maria Laura. **Da Fetichização dos Lugares à Produção Local do Turismo.** In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo, Modernidade, Globalização. 3ª. Edição. São Paulo: Hucitec, 2002.

TREVEZAN, Raquel. **Moradores do Espírito Santo aderem ao 'Cama & Café'.** Disponível em: <http://www.es.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/ES/moradores-do-espírito-santo-aderem-ao-camacafe,30e06f1c2a156410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em 29 de jul. 2017.